

MULHER-SUJEITO - OS AVANÇOS NO ESPAÇO LITERÁRIO ATÉ A PÓS-MODERNIDADE

RAFENA LIMA ARAÚJO¹
NATÁLIA DE ALMEIDA SIMEÃO²
LUIZIR DE OLIVEIRA³

Resumo

Este ensaio empreende refletir acerca da literatura de autoria feminina produzida no contexto da pós-modernidade. Dessa maneira, buscamos estabelecer um breve comparativo entre as diversas vozes dos discursos que estão sendo produzidos atualmente no intuito de observarmos o processo de avanço na atividade de escrita literária das mulheres desde a primeira metade do século XX até o presente momento. Assim, o objetivo é utilizarmos da Crítica Feminista como estratégia teórica para avançarmos no entendimento da mulher-sujeito na cena histórico-literária. Averiguamos, sobretudo, em que medida essas escritoras têm proposto narrativas tipicamente pós-modernas, tendo a preocupação, antes disso, em esclarecer o que significa afirmar que um romance é tipicamente pós-moderno. Metodologicamente, acionamos conceitos de Zinani (2012), Appel (2010), Teixeira (2010), Zolin (2009) dentre outras estudiosas no âmbito da pós-modernidade. Isto posto, o ensaio se justifica na relevância da realização de um trabalho de caráter científico acerca dos avanços literários da mulher-sujeito na cena pós-moderna, influenciados pelo movimento feminista e a consolidação de uma crítica literária que tenha por foco de análise a escrita de autoria feminina.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Pós-modernidade. Crítica Feminista.

1 Estudante de pós-graduação na Universidade Federal do Piauí - Email: rafena2016@gmail.com.

2 Estudante de pós-graduação na Universidade Federal do Piauí - Email: nataliasimeao@ufpi.edu.br.

3 Professor de pós-graduação na Universidade Federal do Piauí - Email: luizir@ufpi.edu.br.

INTRODUÇÃO

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo.
Relação, não coisa, entre a consciência,
a vivência e as coisas.

O sentido dos gestos.[...] O sentido do ato de existir.
Estes anseios/ensaios são incursões em busca do
sentido. [...] numa busca que é sua própria fundação.
(*Buscando o sentido*, Leminski)

É seguro afirmar que, já no século XIX, as mulheres passam a reivindicar lugar de fala em praticamente todas as esferas da sociedade. Ainda que elas tenham sido subjugadas desde a formação dos primeiros agrupamentos sociais, isto não significa, absolutamente, que aceitaram por convenção ocupar posições secundárias e de coadjuvantes em relação aos homens.

Contrariando ideologias opressoras do gênero feminino que duram séculos colocaram-nas em um soturno lugar de submissão, Charles Harris, Prudence Crandall, Lucretia Mott, as irmãs Grimké e Sojourner Truth, entre outras figuras envolvidas no ativismo em prol dos direitos civis de 1833 (Estados Unidos), se propõem a engrossar as fileiras da oposição a dominação masculina no casamento e a tutela de pais e irmãos ao se tratar, sobretudo, de educação, participação política e condições de trabalho igualitárias para as mulheres.

Percorridos mais de cem anos, o amadurecimento desse pensamento feminista, que postulou a estabilidade dos direitos e a oportunidade de expressão a todas (brancas, pardas, indígenas, negras), resultou na vasta difusão do Feminismo na década de 1960.

Este movimento, já encorpado e fortalecido, teve grande relevância na ressignificação do universo literário na pós-modernidade, de modo que se torna cada vez mais feminino, embora a feminilidade na literatura tenha sido vista com maus olhos e este fator tenha se apresentado como obstáculo na luta pelo direito de expressão escrita das mulheres.

À vista disso, o presente ensaio tem por intuito propiciar uma reflexão acerca da literatura de autoria feminina produzida no contexto da pós-modernidade, uma vez que buscamos estabelecer breve comparativo entre as diversas vozes dos discursos que estão sendo produzidos atualmente no intuito de observarmos o processo de avanço na atividade de escrita literária das mulheres desde a primeira metade do século XX até o presente momento.

Por esse motivo, utilizamos o capítulo sobre crítica feminista de Zolin (2005, 2009) como uma das estratégias teóricas para avançarmos no entendimento da mulher-sujeito na cena literária, averiguando em que medida essas escritoras têm proposto narrativas pós-modernas. Metodologicamente, acionamos conceitos de Zinani (2012), Appel (2010), Teixeira (2010), Zolin (2009) dentre outras estudiosas no âmbito das teorias literárias. Assim, o ensaio se justifica na indispensabilidade de um texto de caráter científico acerca da complexidade do processo de conquistas da mulher-sujeito no espaço literário até aqui.

CRÍTICA FEMINISTA: AVANÇOS ATÉ A PÓS-MODERNIDADE

No intuito de averiguarmos os avanços da Crítica Feminista no contexto pós-moderno voltamos à década de 1960, onde a mulher torna-se, por assim dizer, um objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, inclusive no ramo da Crítica Literária. Nesse contexto, Zolin (2005) afirma que no campo da literatura e das críticas “a mulher vem figurando entre os temas abordados em encontros e congressos, bem como se constituindo em motivo de inúmeros cursos, teses e trabalhos de pesquisa.” (ZOLIN, 2005, p. 181). No entanto, a teórica explica que, além da importância de evidenciarmos momentos de afirmação dos avanços femininos no campo acadêmico, é fundamental pontuarmos que a escrita feminina tem se tornado “uma presença que ultrapassa o pontual e o eufórico para se conjugar a todo um processo histórico-literário”. (ZOLIN, 2005, p. 181.). Com isso, compreendemos que, mesmo se configurando em um elemento que impulsiona a escrita de mulheres até o momento de nos localizarmos em um espaço temporal chamado ‘pós-moderno’, a Crítica não pode, grosso modo, ser considerada recente.

Na prática, o processo de escrita feminina que Zolin (2005) denomina histórico-literário é efeito do movimento feminista em seus diferentes momentos e resulta inevitavelmente em uma Crítica Literária e Feminista do início do século XX. Diante disso, essa é uma das vertentes de análise interpretativa do texto de autoria feminina que, para Zinani (2012), é composta de:

[...] Duas modalidades de desenvolvimento [...], uma visa ao resgate de obras escritas por mulheres e que, no decorrer do tempo, foram relegadas ao ostracismo; a outra tem por meta fazer uma releitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando a experiência da mulher ou

seja, procura detectar, através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a relevância da voz feminina e os traços de patriarcalismo que perpassam a obra. (ZINANI, 2012, p. 407.)

Assim, na tese *Sexual Politics* (1970), de Kate Millett, estabelecemos com mais precisão a origem da Crítica Feminista, que a princípio seguia a segunda abordagem em destaque no comentário de Zinani (2012, p. 407) e visou “considerar a experiência da mulher através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto”. Nesse trabalho de doutoramento, Millett (1970) analisa literatura, pintura, filosofia e estudos históricos e antropológicos publicados nos séculos XIX e XX, relacionando-os à ideologia patriarcal presente na educação e política pública em vigor no período, com ênfase nos aspectos de controle populacional e definição do papel da mulher na sociedade.

Além disso, aborda aspectos essencialmente literários e traz discussões sobre a posição coadjuvante que a mulher recebe nas obras de autoria masculina. Assim, além de Millet, precursora da Crítica Feminista, podemos citar como contribuintes teóricas Angela Davis, Virginia Woolf e Simone de Beauvoir.

Escritora, ensaísta e editora britânica, Virginia Woolf elabora a obra *Um teto todo seu* (1929) que foi estruturada de acordo com anotações que a romancista fazia para conferências. Nesse texto, Woolf (1929) contribui com o avanço da produção literária por mãos femininas ao dizer que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1985, p.8). Ao mesmo tempo, na obra em questão, Woolf (1929) motiva reflexões públicas primárias acerca da situação a qual mulheres brancas do século XX foram submetidas no âmbito da Europa - educação precária, renda mínima, condições de trabalho sub humanas. Dessa maneira, já nesse período tenta justificar a inexistência da divulgação de produções literárias femininas afirmando que por esses fatores existia a necessidade da mulher ter “um teto todo seu”.

Em outra perspectiva, muitos anos depois Simone de Beauvoir, escritora, filósofa e teórica social francesa, traz uma nova vertente de pensamento crítico (que vai além do ideal de posses proposto por Virgínia Woolf) que ocasiona impulso nas produções literárias de autoria feminina, uma vez que se apoia na origem e formação dos gêneros (Assunto recorrente na Psicanálise) para discutir em que ponto e sob que circunstâncias o sujeito feminino alcança a autonomia.

Nesse sentido, Beauvoir (2009) colabora para a elaboração de conceitos operatórios da Crítica Feminista no âmbito da Literatura, posto que eles acabam sendo desenvolvidos no afã de contribuir teoricamente para a transformação da condição feminina, marcada pela marginalidade e resignação. Com isso, os debates em torno da conceituação de feminino, feminismo, gênero, falocentrismo, logocentrismo e patriarcalismo desconstróem, ainda que vagarosamente, as oposições homem/mulher e diversas outras ligadas a estas, as quais a própria Beauvoir (2009) pensava criticamente.

Dado o exposto, Zolin (2005) coloca, já no início do século XXI, a mulher-sujeito e a mulher-objeto como categorias úteis na caracterização do comportamento feminino frente ao que estabelecem as sociedades patriarcais. Dito isto, a mulher-sujeito se configura como insubmissa aos paradigmas do patriarcalismo, falocentrismo ou logocentrismo, preferindo manter o poder de decisão e dominação de si mesma tanto na atividade de escrita quanto na vida cotidiana, enquanto a mulher-objeto submete-se, resignada a todos eles. Assim, essas conceituações binárias referentes a atividade e passividade, possibilitam-nos fazer leituras literárias comparativas em diversos níveis, já que algumas escritoras iniciam a carreira literária evidenciando personagens que se apresentam, frente a situações específicas, como mulher-objeto enquanto outras autoras propõem o foco narrativo sobre personas que se encontram em processo de reconstrução de identidade e transformação interna, as mulheres-sujeito. No tópico a seguir, exemplificamos a escrita feminina no contexto pós-moderno, tentando identificar essas conceituações da Crítica Feminista.

A ESCRITA FEMININA NO CONTEXTO PÓS-MODERNO

A escrita feminina no contexto pós-moderno tem sido objeto de estudo de algumas mulheres que, cada vez mais, vêm rompendo conceitos e construindo outras formas do “ser mulher”, seja na escrita ou em suas relações com a sociedade. Appel (2010, p. 52) afirma que “no Brasil a autora Nélide Piñon é uma das pioneiras a tratar do feminino como campo de representação de anseios e de revelações de um universo que necessita ser evidenciado por uma série de condições socioculturais.”, fato que a nosso ver, evidencia que a escrita de mulheres têm ganhado espaço no país.

Um ponto a se tratar é que, segundo a mesma autora, o Brasil, só a partir dos anos 90 (século XX), entra em um momento veloz de “transformações

culturais, tais como o fato de as novelas televisivas passarem a tratar de temas como o divórcio e de relações amorosas entre mulheres maduras e homens mais jovens" (APPEL, 2010, p. 52).

Este fato nos mostra o quanto é recente as discussões que trazem a mulher como independente em relação às suas próprias vidas e ao observar este avanço, no que diz respeito à mulher e suas conquistas de independência pessoal, nos faz refletir sobre a importância que consiste em evidenciar a escrita feminina e feminista, não apenas como "mais uma escrita" e sim como aquela que, ao passo que está à disposição para ser lida, também se torna uma forma de protesto e um grito de liberdade, pois o público feminino sente-se cada vez mais representado, por escritoras que, corajosamente, militam através das suas produções literárias para que todas as mulheres sejam libertas e respeitadas por suas escolhas, maneiras de ser e de viver.

Desse modo, tecer discussões que possibilitam reflexões sobre a escrita feminina no contexto pós-moderno é fundamental, uma vez que abrem-se caminhos para que as mulheres sejam vistas, ouvidas e acima de tudo, quebrem posições ideológicas marcadas de preconceito e violência, em especial por aqueles que acreditam que a mulher não precisa ser evidenciada na atualidade.

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de "contaminar" os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. O resultado, sinalizado pelas muitas pesquisas realizadas no âmbito da Crítica Feminista desde os anos 1980 no Brasil, aponta para a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. (ZOLIN, 2009, p. 106).

Para Zolin (2009), a produção literária de autoria feminina tem a missão de "contaminar" os esquemas representacionais e, assim, torna-se significativo o ato de conferir representatividade à diversidade de identidades femininas nada patriarcais. Desse modo, refletir sobre a literatura de autoria feminina produzida no contexto pós-moderno também nos permite aguçá-lo o olhar para os problemas sociais enfrentados por mulheres ao longo dos anos, e, para além disso, permite-nos alcançar conhecimento

das inúmeras lutas do grupo feminista para conseguir lugar no espaço literário.

Ademais, vale considerar que é através do gênero Conto que a escrita de diversas autoras na pós-modernidade ganha voz e destaque em seus diversos contextos de publicação, onde narrativas vivenciadas por personagens femininas são colocadas em foco. Segundo Teixeira (2010, p. 51) "O conto é o gênero literário que aponta, mais clara e diretamente, aspectos de identidade regional, nacional ou mesmo individual. O conto, principalmente o pequeno, torna-se um grande representante da literatura." A partir de agora, veremos alguns contos escritos por mulheres que evidenciam seus dramas vividos na pós-modernidade.

Em "O tapete voador", conto de Cristiane Sobral (2016), notamos que a escrita da autora nos chama a atenção para problemas sociais bem presentes em nossa sociedade, a saber, o preconceito e o racismo. A maneira como ela nos apresenta a personagem principal, Bárbara, nos faz olhar para as dificuldades enfrentadas por mulheres negras no exercício do seu trabalho, algo que, estranhamente, se tornou "comum" em nossa sociedade.

Você de fato chegou longe considerando a maioria negra deste país, deve se orgulhar! Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar. [...] Entretanto, há outras coisas que você deve aperfeiçoar. O seu marketing pessoal, por exemplo. Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um dos seus defeitos. Seu cabelo é péssimo. [...] É possível sim, sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente disfarçada. Você só precisa de alguns **esclarecimentos**... Tem um futuro **brilhante, alvíssimo**, sem dúvida. (SOBRAL, 2016, p. 10, grifo nosso).

No trecho acima, é retratada uma situação de preconceito, pois o presidente da empresa onde Bárbara trabalha exige que ela anule sua própria identidade, e a coloca em lugar de inferioridade por ela ser negra. Para Araújo e Silva (2019, p. 6) "o racismo tematizado nas narrativas de Sobral, no conto "O tapete voador", ataca a auto-estima e a autoconfiança dessas personagens femininas negras, que algumas vezes passam a acreditar na ilusão da inferioridade."

Outro que precisamos considerar é o "Mãe o cacete", escrito pela autora Ivana Arruda Leite (2004), que traz a narrativa de uma personagem que, já em idade adulta, descreve as lembranças ruins que tem de sua mãe. Nesta breve história percebemos que a figura materna, romantizada

e idealizada pela sociedade, não corresponde àquela que é representada pela voz do narrador-personagem, uma vez que a figura materna aqui não apresenta personalidade serena e amorosa. Neste conto, o ser mãe é visto de forma diferente do que se imagina, pois a protagonista/narrador personagem relata nunca ter recebido demonstração de afeto.

“Mãe é uma cruz na minha vida. [...] Mãe é sinônimo de atraso[...] Mãe deforma a cabeça da gente. A minha mãe dava beliscão. Batia de chinelo, dava tapa na cara.[...]Se eu gostava de um programa de televisão, ela mudava de canal. Se me via feliz me mandava pro quarto” (LEITE, 2004, p. 205).

A partir da citação acima, evidenciamos o quão difícil é a relação da protagonista com a sua mãe. Ivana Leite nos revela a partir da estrutura familiar mostrada no conto, segundo Teixeira (2010, p. 51) “um perfil contemporâneo rompendo com o moralismo social ao estabelecer a mulher não só como personagem principal, o que já era corrente, mas como chefe de família.” E também percebemos a desconstrução da identidade feminina, em especial, quando ao ser mãe, demonstra ser pura, imaculada e sem defeitos, diferente do que se apresenta neste conto. Teixeira (2010, p. 51), pondera ainda que, o referido conto, “mostra o universo feminino, do ponto de vista da própria mulher, que é sujeito da enunciação.” Sendo assim, o lugar de onde fala a mulher, para o autor

Permite abordar com maior autoridade as questões do feminino. Observa-se que no conto “Mãe é o cacete”, a narradora livra-se de certos tabus sociais e procura uma saída para as barreiras impostas pelos costumes e pelo combate ao meio, nesse caso o condicionamento às normas da educação da mulher e mesmo a imposição social que obriga a certos comportamentos tidos como apropriados e adequados à mulher virtuosa e de “boa” moral. (TEIXEIRA, 2010, p. 51).

Portanto, segundo Teixeira (2010), a narrativa de Ivana Leite revela um modo de ser e de pensar da mulher brasileira na atualidade. Esse mesmo modo de ser e de pensar, desmistifica a ideia de que “toda mulher é igual”. No conto, a “mãe-mulher” é desconstruída e abre espaço para um novo modo de ser compreendida, ou seja, como a mulher que procura saídas para as barreiras impostas e que não precisa ser mais obrigada a certos comportamentos tidos como apropriados a ela pela sociedade.

Por último, apresentamos o conto Olhos D' Água da escritora Conceição Evaristo (2010). Nesta coletânea de contos curtos, entram em cena desigualdades sociais e relações de raça e gênero vivenciados por mulheres negras de forte personalidade. A autora aborda um tema que merece atenção também pelo caráter ancestral dessas mulheres, como um processo de reconhecimento e afirmação de suas próprias identidades.

O conto de Conceição Evaristo, nos apresenta a realidade de mulheres negras e periféricas no Brasil, em especial, conforme dito anteriormente, a respeito de sua ancestralidade. Esse fato merece atenção, pois é sabido que a mulher negra, principalmente a periférica, sofre preconceito e violência também em relação à sua fé e essa realidade precisa ser transformada.

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2010, p. 173-174).

Desse modo, percebemos que a ancestralidade é importante para a constituição identitária da mulher negra. Ao reconhecer as mulheres que fizeram parte de sua vida, a narradora entra em um processo de reconhecimento de si própria. Ponce e Godoy (2021, p. 7) apontam que a escritora Conceição Evaristo “traz à tona questões de ordem social, cultural e religiosa, relacionadas à miséria em que a narradora se encontra na infância.” As lembranças no seio familiar da protagonista, ao passo que resgatam as memórias adormecidas, também ajudam na busca de sua identidade.

Do balanço efetuado notamos, nos três contos apresentados, mulheres que desconstroem pensamentos, que existem há séculos e rompem imposições à elas feitas. Ao ser retratada como a “mulher virtuosa” ou de “boa moral”, de modo geral, a mulher acaba sendo condicionada a permanecer nesse lugar e, aos poucos, é impedida de ocupar o seu espaço. Portanto, ao voltar nosso olhar para os referidos contos, vimos nas protagonistas retratadas pelas autoras Cristiane Sobral, Ivana Leite e Conceição Evaristo, mulheres fortes e que lutam pela conquista do seu espaço e respeito à sua identidade. Assim, consideramos importante tais reflexões,

para pensarmos, cada vez mais, na desconstrução do imaginário feminino e a ruptura do condicionamento às normas impostas a tantas mulheres.

O exposto até aqui tende a destacar que os contos escritos por mulheres na pós-modernidade demonstram o quão urgente e necessário é o debate em torno da situação de opressão em que mulheres vivem todos os dias. Os temas abordados até aqui denunciam o preconceito, a violência e a negligência em torno das questões que envolvem o feminino em todos os âmbitos.

Portanto, concluímos que a escrita feminina no contexto pós-moderno abre espaço, através da literatura, para que as mulheres sejam vistas e para que elas sejam protagonistas através das histórias contadas por elas que, ao mesmo tempo que informam, também se mesclam, algumas vezes, às suas próprias história de vida e como têm se superado a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de autoria feminina vem, notoriamente, ganhando destaque na literatura e não se pode negar o quanto ela representa e empodera as mulheres nos mais diversos âmbitos da sociedade. Assim, objetivamos neste trabalho utilizar da crítica feminina como estratégia teórica para avançarmos no entendimento da mulher-sujeito na cena histórico literária.

Refletir acerca das produções literárias femininas no contexto da pós-modernidade também se torna importante para que a partir das considerações das autoras, compreender as mais variadas formas de como a mulher é vista pela sociedade e, assim, possamos contribuir, a partir desse entendimento, para que a violência, o preconceito dentre tantas situações de opressões à mulheres não sejam negligenciadas, e sim refletidas e debatidas por todos, pois é sabido que há décadas as mulheres vêm lutando para conquistar o espaço que lhes é de direito, e com a literatura isso se torna mais possível.

Desse modo, para instigar a reflexão acerca do tema, propomo-nos discutir a referida temática no âmbito de duas considerações. A primeira com o subtítulo "A crítica feminina é pós-moderna?" onde foi utilizado o capítulo sobre a crítica feminina da autora Zolin (2005, 2009) como uma das estratégias teóricas que nos levou à compreensão da mulher-sujeito na cena literária e a segunda consideração foi a partir do subtópico "A escrita feminina no contexto pós-moderno" que nos proporcionou uma reflexão acerca da literatura de autoria feminina no contexto da pós-modernidade,

bem como estabelecer um breve comparativo entre as diversas vozes dos discursos que estão sendo produzidos na atualidade.

Assim, pudemos verificar, ao longo dessa discussão que pensar sobre as vozes femininas no contexto pós-moderno, dentre outras questões, amplia-nos horizontes acerca da importância dessa produção literária, pois o primeiro passo para que as mulheres conquistem os seus direitos, parte de uma reflexão coletiva que, em especial, é proposta pela literatura escrita por mulheres que, ao passo que evidencia questões “tabu”, ainda presentes nos mais variados discursos opressores, também instrui para que essa realidade seja modificada.

Por fim, os textos de autoria feminina reforçam que muitos avanços já aconteceram e que outros estão em processo de reflexão, o que se constitui em um importante passo para a mudança. Torna-se evidente que o papel da mulher se ampliou na sociedade, assim ela vem conquistando espaço e, acima de tudo, respeito por suas escolhas pessoais e profissionais que até pouco tempo não eram consideradas. Desse modo, este estudo é relevante para contribuir que haja mais discussões acerca do tema em questão, bem como refletir acerca da literatura de autoria feminina produzida no contexto da pós-modernidade.

SUBJECT WOMAN - ADVANCES IN LITERARY SPACE TO POST-MODERNITY

ABSTRACT

This essay undertakes to reflect on the female authorship literature produced in the context of post-modernity. In this way, we seek to establish a brief comparison between the various voices in the discourses that are currently being produced in order to observe the process of advancement in women's literary writing activity from the first half of the 20th century to the present time. Thus, the objective is to use Feminist Critique as a theoretical strategy to advance the understanding of the woman-subject in the historical-literary scene. We investigate, above all, to what extent these writers have proposed typically post-modern narratives, having the concern, before that, to clarify what it means to affirm that a novel is typically post-modern. Methodologically, we use concepts from Zinani (2012), Appel (2010), Teixeira (2010), Zolin (2009) among other scholars in the scope of postmodernity. That said, the essay is justified by the relevance of carrying out a scientific work on the literary advances of the woman-subject in the postmodern scene, influenced by the

feminist movement and the consolidation of a literary criticism that focuses on the analysis of writing of female authorship.

Keywords: Literature by female authors. Post-modernity. Feminist Criticism.

REFERÊNCIAS

APPEL, Marta Lia Genro. *A escrita feminina contemporânea: retratos de uma época*. *Signos*, ano 31, n. 1, 2010.

ARAÚJO, Rafena Lima; SILVA, Assunção de Maria Sousa e. *Construção de identidade: a re(ex)sistência pela palavra-ato em O Tapete Voador, de Cristiane Sobral*. *UESPI: África Brasil*. 2019. p. 51-57.

Beauvoir, Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009. p. 10-25.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. In: Pallas Editora (Org.). *Contos do mar sem fim*: antologia afrobrasileira. RIO DE JANEIRO: Pallas, 2010.

LEITE, Ivana. *Mãe é o cacete*. RUFFATO, Luiz (org.) *Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LEMINSKI, Paulo. *Buscando o sentido*. In: Toda Poesia. Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/paulo-leminski/buscando-o-sentido/>. Acesso: 15/07/2021.

PONCE, Eduardo Souza; GODOY, Maria Carolina de. *Ancestralidade e Identidade em "Olhos D'Água" de Conceição Evaristo*. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Eduardo%20Ponce%20e%20Maria%20Carolina%20Godoy_Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: julho de 2021.

SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Brasília: Malê, 2016. p. 7-8, 10-12.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Mãe e monstro: A desconstrução da figura materna na escrita de autoria feminina. *Terra roxa e outras terras- revista de estudos literários*. v. 20, p. 46-55, dez.2010.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura*. IX Seminário Internacional de História da Literatura, p. 407-415, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. *A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, jul./dez. 2009. p.105-116.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica feminista*. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas. *Teoria Literária*. 2. ed. rev. e ampl - Maringá: Eduem, 2005, p. 181.